

[Mataram a Cotovia] [Harper Lee]

[Harper Lee] Biografia:



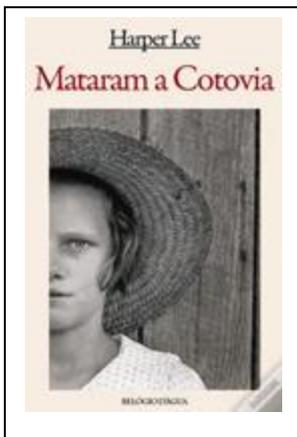
Nelle Harper Lee (Monroeville, Alabama, 28 de abril de 1926 – 19 de fevereiro de 2016) foi uma escritora norte-americana. Nasceu em 1926, em Monroeville, nos Estados Unidos da América, onde frequentou o Huntigton College e estudou Direito na Universidade do Alabama. Foi galardoada com o Prémio Pulitzer e com vários outros prémios. *Mataram a Cotovia* foi nomeado pelos principais livreiros americanos como O Melhor Romance do século XX, a obra-prima da literatura americana. Já vendeu mais de 30 milhões de exemplares em todo o mundo e está traduzido para mais de 40 línguas. Viveu sempre uma vida completamente afastada dos círculos mediáticos e é junto com JD Salinger, uma das mais famosas reclusas literárias, tendo morado toda a sua vida na casa onde passou a sua infância, em Monroeville, no estado sulista do Alabama, onde morreu em fevereiro de 2016.

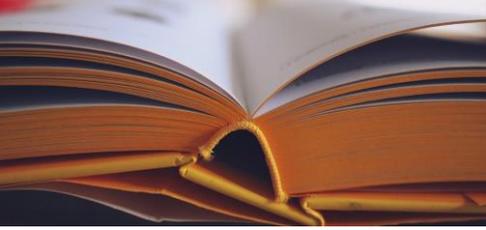
Sinopse de [Mataram a Cotovia]

Situado em Maycomb, uma pequena cidade imaginária do Alabama, durante a Grande Depressão, o romance de Harper Lee, vencedor do Prémio Pulitzer, em 1961, fala-nos do crescimento de uma rapariga numa sociedade racista. Scout, a protagonista rebelde e irónica, é criada com o irmão, Jem, pelo seu pai viúvo, Atticus Finch. Ele é um advogado que lhes fala como se fossem capazes de entender as suas ideias, encorajando-os a refletirem, em vez de se deixarem arrastar pela ignorância e o preconceito.

Atticus vive de acordo com as suas convicções. É então que uma acusação de violação de uma jovem branca é lançada contra Tom Robinson, um dos habitantes negros da cidade. Atticus concorda em defendê-lo, oferecendo uma interpretação plausível das provas e preparando-se para resistir à intimidação dos que desejam resolver o caso através do linchamento. Quando a histeria aumenta, Tom é condenado e Bob Ewell, o acusador, tenta punir o advogado de um modo brutal. Entretanto, os seus dois filhos e um amigo encenam em miniatura o seu próprio drama de medos, centrado em Boo Radley, uma lenda local que vive em reclusão numa casa vizinha.

Passados os anos suficientes para que os pudéssemos reviver com algum distanciamento, falávamos de quando em vez dos acontecimentos que tinham dado origem ao acidente. Eu continuo a achar que foram os Ewells que começaram tudo, mas o Jem, que era quatro anos mais velho do que eu, disse que tudo começou muito tempo antes. De facto, disse que tudo começara naquele verão em que o Dill apareceu por estas bandas, da primeira vez que ele sugeriu que tentássemos obrigar o Boo Radley a sair de casa. Aí eu disse-lhe que, se quiséssemos ter uma visão mais alargada da questão, então teríamos de recuar até à época do presidente Andrew Jackson. Se o general Jackson não tivesse decidido expulsar a tribo Creek dos seus territórios rio acima, o Simon Finch jamais teria vindo parar ao Alabama. E então, onde é que nós estaríamos neste momento? Como já éramos demasiado crescidos para recorrermos aos punhos para resolver uma discussão, decidimos consultar o Atticus. E o nosso pai disse que ambos tínhamos razão.





Mataram a Cotovia é o melhor livro dos últimos 125 anos para os leitores do New York Times

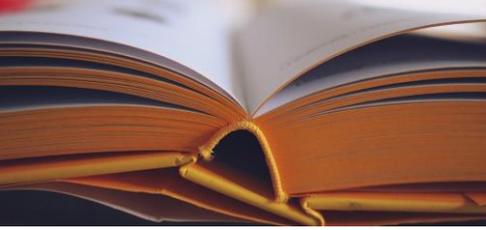
O romance de Harper Lee encabeça um top cinco que se completa com *A Irmandade do Anel*, de J. R. R. Tolkien, *1984*, de George Orwell, *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez, e *Beloved*, de Toni Morrison.

Mário Lopes 30 de dezembro de 2021, 15:48 – Público



*Harper Lee em 2007, quando da distinção por George W. Bush com a Medalha da Liberdade dos Estados Unidos
Reuters/LARRY DOWNING*

Em Outubro, a Book Review do The New York Times cumpriu o seu 125.º aniversário. Para festejar a longevidade da sua secção literária, o diário norte-americano convidou os leitores a nomearem o melhor livro publicado durante esse período. Contabilizadas as mais de 200 mil respostas recebidas, a escolha recaiu, “por uma margem curta”, em *Mataram a Cotovia*, o romance de estreia da norte-americana Harper Lee, publicado em 1960.



Os participantes na votação, originários de 67 países mas claramente – e, diríamos, naturalmente, dado tratar-se do mais importante jornal de língua inglesa – pendendo para a literatura no idioma de Shakespeare, escolheram, nas posições abaixo de Mataram a Cotovia, A Irmandade do Anel, o primeiro volume da saga O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien, 1984, de George Orwell, Cem Anos de Solidão, de Gabriel García Márquez (única presença de uma língua que não o inglês nos cinco melhores), e Beloved, de Toni Morrison.

Mataram a Cotovia, que valeu a Harper Lee o Prémio Pulitzer e que seria adaptado ao cinema em 1962, num filme realizado por Robert Mulligan e protagonizado por Gregory Peck, constitui um retrato cru e complexo da sociedade do Sul dos Estados Unidos nos anos da Grande Depressão, desenhado através do olhar das crianças protagonistas. Cresceu em estatuto, depois de um tímido acolhimento inicial pela crítica, até se tornar um clássico da literatura americana e obra fundamental, para um grande número de norte-americanos, para a consciencialização do legado da escravatura e da violenta história racial do país.

Envolto em polémica praticamente desde o seu lançamento, pelo uso de calão racista e pela violência sexual presente, foi regularmente alvo de censura (ou de tentativas de) em vários estados e escolas americanas – e não só: no Verão passado, uma escola secundária de Edimburgo anunciou que alguns clássicos do seu programa, entre os quais Mataram a Cotovia, seriam substituídos por textos ditos “menos problemáticos”.

A votação promovida pelo The New York Times pretendeu replicar aquilo que foi prática comum nas primeiras décadas de existência da sua Book Review, quando os leitores eram convidados a votar as suas preferências literárias, na altura divididas por romance, conto e poesia.

Em 2021, não foram definidas quaisquer categorias. Abertas as votações em Outubro, foram nomeados mais de 1300 livros, 65% deles escolhidos por um leitor apenas, e, em Novembro, foram anunciados os 25 finalistas. Entre eles, não estava Onde Vivem os Monstros, clássico absoluto da literatura (infantil no caso) de Maurice Sendak: “Da cadência ao ritmo à ilustração e à história em si mesma, Onde Vivem os Monstros é o mais perfeito dos livros. Morrerei a defendê-lo”, argumentou a leitora Sarah Beth West, de Chattanooga, Tennessee. Não estava, igualmente, a escolha “disruptiva”, digamos, do senhor Cody Clark. De Houston, Texas, este leitor escreveu, em defesa de The Joy of Cooking, que o livro de receitas publicado em 1931 por Irma S. Rombauer “pode ser curto em enredo e personagens, mas revelou novos mundos” à sua família.

Mataram a Cotovia, romance de Lee

Ana Foca, editor da Enciclopédia Britânica

Última atualização: 24 de outubro de 2024 • [Histórico do artigo](#)

Mataram a Cotovia, [romance](#) da autora americana [Harper Lee](#), publicado em 1960. Enormemente popular, foi traduzido para cerca de 40 idiomas, vendeu mais de 40 milhões de cópias [no mundo todo](#) e é um dos romances mais lidos nas escolas americanas. Em 1961, ganhou um [Prémio Pulitzer](#). O romance foi elogiado por seu tratamento sensível do despertar de uma criança para [o racismo](#) e [o preconceito](#) no [sul dos Estados Unidos](#).

Resumo do enredo



Estelle Evans, Phillip Alford e Mary Badham em *O Sol é para Todos* (1962), dirigido por Robert Mulligan.(mais)

To Kill a Mockingbird passa-se na cidade fictícia de Maycomb, Alabama, durante a [Grande Depressão](#). A [protagonista](#) é Jean Louise (“Scout”) Finch, uma garota inteligente, porém não convencional, que tem entre seis e nove anos de idade durante o curso do romance. Ela é criada com seu irmão, Jeremy Atticus (“Jem”), por seu pai viúvo, [Atticus Finch](#). Ele é um advogado proeminente que encoraja seus filhos a serem empáticos e justos. Ele notavelmente diz a eles que é “um pecado matar um [mockingbird](#)”, [aludindo](#) ao fato de que os pássaros são inocentes e inofensivos.

Quando Tom Robinson, um dos moradores negros da cidade, é falsamente acusado de [estuprar](#) Mayella Ewell, uma mulher branca, Atticus concorda em defendê-lo, apesar das ameaças da [comunidade](#). Num ponto, ele enfrenta uma multidão com a intenção de [linchar](#) o seu cliente, mas se recusa a abandoná-lo. Scout involuntariamente ameniza a situação. Embora

Atticus apresente uma defesa que dá uma interpretação mais plausível da evidência — que Mayella foi atacada por seu pai, Bob Ewell — Tom é condenado e, mais tarde, é morto ao tentar escapar da custódia. Um personagem compara sua morte ao "massacre sem sentido de pássaros canoros", em paralelo ao que Atticus disse sobre o mockingbird.

As crianças, entretanto, encenam seu próprio drama miniaturizado de [preconceito](#) e [superstição](#) à medida que se interessam por [Arthur \("Boo"\) Radley](#), um vizinho recluso que é uma [lenda](#) local. Eles têm suas próprias ideias sobre ele e não conseguem resistir ao fascínio de invadir a propriedade Radley. Suas especulações prosperam na desumanização perpetuada pelos mais velhos. Atticus, no entanto, os repreende e tenta encorajar uma atitude mais sensível. Boo faz sua presença ser sentida indiretamente por meio de uma série de atos [benevolentes](#), finalmente intervindo quando Bob Ewell ataca Jem e Scout. Boo mata Ewell, mas Heck Tate, o xerife, acredita que é melhor dizer que a morte de Ewell ocorreu quando ele caiu sobre sua própria faca, poupando o tímido Boo de atenção indesejada. Scout concorda, observando que fazer o contrário seria "como atirar em um mockingbird".

Análise e adaptações





[Harper Lee](#) Harper Lee, 2001.

To Kill a Mockingbird é tanto a história de amadurecimento de uma jovem garota quanto um drama mais sombrio sobre as raízes e consequências do [racismo](#) e [do preconceito](#), investigando como o bem e o mal podem coexistir dentro de uma única [comunidade](#) ou indivíduo. A educação [moral](#) de Scout é dupla: resistir a abusar dos outros com negatividade infundada, mas também perseverar quando esses valores são inevitavelmente, e às vezes violentamente, subvertidos. [As críticas](#) à tendência do [romance](#) de sermonizar foram acompanhadas por elogios à sua percepção e eficácia estilística.

Lee supostamente baseou o personagem de Atticus Finch em seu pai, Amasa Coleman Lee, um advogado e editor de jornal compassivo e dedicado. O enredo de *To Kill a Mockingbird* foi inspirado em parte por sua defesa malsucedida na juventude em 1919 de dois homens afro-americanos condenados por [assassinato](#), o único caso criminal que ele assumiu.

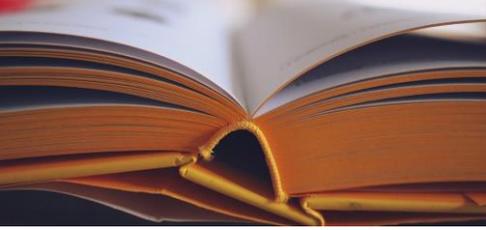
Um personagem do romance, Charles Baker (“Dill”) Harris, é baseado em [Truman Capote](#), amigo de infância de Lee e vizinho em Monroeville, [Alabama](#). Lee serviu de base para a moleca Idabel Thompkins no primeiro romance de Capote, [Outras Vozes, Outros Quartos](#) (1948). No inverno de 1959-60, pouco antes do lançamento de *To Kill a Mockingbird*, Lee viajou para o Kansas com Capote e o ajudou na pesquisa para seu “romance de não ficção” [In Cold Blood](#), sobre o assassinato de quatro membros da família Clutter. Após o sucesso fenomenal que se seguiu à publicação de *To Kill a Mockingbird* e a falta de mais romances de Lee, alguns suspeitaram que Capote era o verdadeiro autor da obra de Lee, um rumor posto de lado quando, em 2006, uma carta de 1959 de Capote para sua tia foi encontrada, afirmando que ele havia lido e gostado do rascunho de *To Kill a Mockingbird* que Lee havia lhe mostrado, mas não mencionando nenhum papel em escrevê-lo.



[Gregory Peck em *O Sol é para todos*](#) Gregory Peck (centro à esquerda) em *O Sol é para todos* (1962).

O romance inspirou [adaptações](#), a mais notável das quais foi o clássico [Filme de 1962](#) estrelado por [Gregory Peck](#) como Atticus. Sua performance vencedora [do Oscar](#) se tornou uma parte duradoura da história do cinema. ([Robert Duvall](#) fez sua estreia no cinema como Boo Radley.) [Aaron Sorkin](#) adaptou o romance para uma peça da Broadway que estreou em 2018. (O espólio de Lee processou [a adaptação](#) de Sorkin na qual Atticus, em vez de Scout, era o personagem principal, mas a disputa foi resolvida antes da peça estrear.)

Em 2015, Lee lançou um segundo romance: [Go Set a Watchman](#), escrito pouco antes de *To Kill a Mockingbird*, mas ambientado 20 anos depois, apresentando Scout como uma mulher adulta baseada na [cidade de Nova York](#) que retorna à casa de sua infância no Alabama para visitar seu pai. Embora alguns tenham afirmado que *Go Set a Watchman* é um rascunho anterior de *To Kill a Mockingbird*, na verdade foi o primeiro romance de Lee, concluído em 1957. Lee então começou um segundo romance incorporando contos baseados em sua infância. Lee foi encorajada por seu agente Maurice Crain a terminar o segundo romance e não tentar unir os dois livros. No entanto, após o enorme sucesso de *To Kill a Mockingbird*, Lee deixou *Go Set a Watchman* de lado, e o manuscrito completo daquele romance definiu em um cofre em Monroeville por décadas. *Go Set a Watchman* gerou polêmica porque retrata Atticus como um [segregacionista ardente](#) cujas visões horrorizam Scout, que tem que [reconciliar](#) as atitudes racistas de Atticus com o pai gentil e amoroso de suas memórias de infância.



Harper Lee, que falhou a morte rápida e misericordiosa às mãos dos críticos

19 FEVEREIRO 2016 20:11 / EXPRESSO, **Helena Bento**

Harper Lee escreveu uma grande obra que foi traduzida em mais de 40 línguas e lhe valeu o Pulitzer em 1961. Depois afastou-se da literatura e de todas as outras literatices.

Esqueceu o mundo e o mundo esqueceu-a. Até que em 2015 publicou outro livro, o seu segundo em vida, que se tornou um dos maiores acontecimentos literários do ano. Harper Lee morreu esta sexta-feira, aos 89 anos. As causas da morte não foram ainda reveladas

Harper Lee tinha 34 anos quando escreveu aquele que viria a ser considerado uma das obras-primas da literatura do século XX. "To Kill a Mockingbird", publicado em Portugal com o título "Mataram a Cotovia" (Relógio d'Água), venceu o prémio Pulitzer um ano depois de ter sido publicado, em 1961.

Harper Lee retirou-se depois disso, que é como quem diz não voltou a publicar, evitando qualquer circunstância em que viesse a estar publicamente exposta. O sucesso de "Mataram a Cotovia" - foi traduzido em mais 40 línguas e vendeu cerca de 40 milhões de exemplares em todo o mundo - apanhou-a desprevenida.

Numa entrevista à rádio em 1964, que o "New York Times" recupera no obituário que lhe dedica, Harper Lee dizia que nunca esperara que o livro tivesse "qualquer tipo de sucesso". "Eu estava à espera de uma morte rápida e misericordiosa às mãos dos críticos, mas, ao mesmo tempo, tinha alguma esperança de que alguém viesse a gostar dele o suficiente para eu me sentir encorajada. No entanto, acabei por ter muito mais, e isso, de alguma forma, foi tão assustador quanto a morte rápida e misericordiosa que eu esperara". Harper Lee viveu afastada do espectáculo literário e dos demais durante mais de 50 anos.

O romance "Mataram a Cotovia", cuja ação decorre no rescaldo da Grande Depressão,

aborda as relações raciais numa pequena cidade no estado de Alabama (EUA). Atticus Finch, um respeitado advogado de uma antiga família da terra e pai de duas crianças (Jem, rapaz, e Scout Finch, uma rapariga de seis anos, que é quem conta a história), assume por sua conta e risco a responsabilidade de defender em tribunal um negro (Tom Robinson) acusado injustamente de ter violado uma rapariga branca. A decisão do pai e advogado vai deixar os locais extremamente descontentes - eles que já o olhavam com algum desprezo por saberem-no amigo dos negros.

No ano passado, a notícia de que ia ser lançado outro livro de Harper Lee - cujo manuscrito estava perdido e foi encontrado por uma advogada e amiga sua, Tonja Carter, no outono de 2014 - veio sem aviso. Até então era muito claro para todos que Harper Lee ia ficar para a história como autora de um único romance, rótulo que tão bem assenta em escritores como Emily Brontë, Sylvia Plath, Oscar Wilde, entre outros. O novo livro foi apresentado ao mundo como uma sequela de "Mataram a Cotovia", embora tenha sido escrito antes, na década de 50. Na altura, a autora deixou-o, digamos assim, em banho-maria, a conselho do seu editor, que a convenceu a focar-se em alguns "flashbacks" que ia fazendo aos tempos da infância de Scout e a escrever o romance do ponto de vista de uma jovem Scout. "Eu estava a começar como escritora e por isso fiz o que me disseram", explicou a autora, citada pela BBC.

"Go Set a Watchman" foi lançado em julho do ano passado em versão impresa e ebook em língua inglesa e publicado em Portugal meses depois (em outubro), com o título "Vai e Põe uma Sentinela", editado pela Presença. Scout Finch, já adulta, regressa de Nova Iorque para visitar o pai. Nesse regresso, confronta-se com várias questões pessoais e políticas - como a atitude do pai, que com o decorrer dos anos se torna um símbolo da igualdade entre brancos e negros na América. O lançamento de "Vai e Põe uma Sentinela" foi um dos grandes acontecimentos literários de 2015, mas depois de estar arrumadinho nas prateleiras das livrarias pouco mais se falou dele, pelo menos cá em Portugal.

Harper Lee, a quem os mais próximos chamavam Nelle, nasceu em 1926 numa pequena cidade de Monroeville, Alabama (EUA). Era filha de Amasa Coleman Lee, advogado, e Frances Finch Lee, e era a mais nova de três irmãos. É conhecida a amizade entre Lee e o escritor norte-americano Truman Capote. Os dois conheceram-se em Monroeville, onde Truman passava os verões numa casa ao lado da sua. Os dois viam-se com frequência e tornaram-se amigos. Harper Lee, aliás, chegou a acompanhá-lo a Holcomb, no Kansas, e a ajudá-lo na pesquisa que viria a dar origem ao célebre "A Sangue Frio".

Harper Lee morreu esta sexta-feira, aos 89 anos. Em comunicado após a sua morte, o seu agente Andrew Nurnberg escreveu que acabara de perder "uma grande escritora, uma grande amiga e um farol de integridade". "Ter conhecido Nelle nestes últimos anos foi não só um prazer imenso, como também um privilégio extraordinário. Quando estive com ela há seis semanas, ela estava cheia de vida", lê-se no comunicado.